



CAMÕES & CAMÕES OU PEDE O DESEJO, CAMÕES, QUE VOS LEIA

*Marcelo Pacheco Soares**

RESUMO: As teorias que demonstram o platonismo ou o petrarquismo na poética de Luís Vaz de Camões são consideradas leituras tradicionais de sua obra lírica, mas sofrem assíduas contestações de considerável parcela da crítica do último século. O objetivo deste artigo é menos se intrometer neste debate de estudiosos eméritos do que demonstrar como funcionam, na prática, estas visões, o que ilustramos através de duas leituras distintas para o soneto “Pede o desejo, dama, que vos veja”.

PALAVRAS-CHAVE: 1. Platonismo, 2. Neoplatonismo, 3. Petrarquismo, 4. Camões lírico, 5. Crítica camoniana.

INTRODUÇÃO

As hipóteses de leitura que defendem o platonismo ou o neoplatonismo ou o petrarquismo como ideias-base para a concretização do fazer poético do escritor quinhentista português Luís Vaz de Camões são consideradas visões interpretativas tradicionais para a sua obra — especialmente pelos estudiosos que as censuram, que, de certa forma, conferem a si próprios, deste modo, uma posição de vanguarda (nem sempre genuína) no âmbito da crítica camoniana. Contudo, se, assim como o que acontece com a sua epopeia, os estudos sobre o Camões lírico alcançam ainda com invejável ânimo o século XXI, parece ser chegado o momento de discutir a matéria já em novo plano, cremos que mais atual; conjeturamos que, na verdade, a própria discussão sobre a presença, pacífica ou conflituosa, ou a efetiva ausência de tais influências de cunho filosófico na poesia de Luís de Camões é que já se tornou uma tradição no diálogo que se pode promover entre as incontáveis leituras a respeito de sua obra poética.

O intuito deste artigo, menos do que se intrometer neste debate histórico de estudiosos eméritos, será o de revisar este mesmo debate e fazer uso experimental dos argumentos trazidos pelos dois lados opostos da contenda. Todavia,

* Professor efetivo de Língua Portuguesa e Literaturas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ); Mestre e Doutorando em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), orientado pela Professora Doutora Teresa Cristina Cerdeira da Silva; Bolsista de Doutorado da Cátedra Jorge de Sena de Estudos Luso-Afro-Brasileiros, com bolsa fomentada pela Fundação Calouste Gulbenkian, de Lisboa - Portugal. E-mail: lyseu@ig.com.br.

para atingir este objetivo com eficiência, será primeiramente necessária alguma elucidação, ainda que superficial, a respeito destas concepções estético-filosóficas que teriam entusiasmado Camões, o que, em função de nosso diminuto espaço, somos obrigados a fazer de modo breve, dando conta tão-somente dos aspectos estritamente relevantes à nossa análise.

1. BREVE REVISÃO HISTÓRICO-FILOSÓFICA

O platonismo que uma parcela significativa da crítica especializada encontra na lírica de Camões refere-se aos conceitos sobre Amor (a figura mitológica do cupido) e amor (o sentimento propriamente dito) traçados por Platão nos ilustres diálogos intitulados *O banquete*, no qual, apoiado pela teoria idealista que impregnara toda a sua obra e conferindo constante dúvida ao mundo sensível captado pelos sentidos humanos, o filósofo defende que “amemos a beleza espiritual mais do que a material, e tanto mais aquela, quanto for mais larga e alta a sua generalidade” (1982: 210) — afirmação cujo resultado evidente será o de relegar o amor carnal a um pólo semântico negativo.

As apreciações e defesas de Platão inspirarão, séculos mais tarde, a filosofia conhecida como neoplatonismo, que quiçá terá em Plotino, filósofo grego do século III, um importante ícone e ainda em Spinoza o seu seguidor mais significativo. O historiador da arte Arnold Hauser assim resume este mais recente pensamento filosófico:

O neoplatonismo, tal como o ideal platônico em si, era a expressão de atitude puramente contemplativa para com o mundo e, como toda filosofia que aceita as ideias puras como os únicos princípios válidos, implicava a renúncia das coisas da “realidade comum”. (1972: 404)

Toda esta valorização do mundo das ideias, esta franca preferência pelo mundo espiritual em detrimento às *coisas da realidade comum*, iria potencialmente influenciar a gênese ideológica e, por conseguinte, o discurso amoroso do movimento artístico italiano renascentista conhecido como *dolce stil nuovo*, cuja estética será modelar para a poética que se lhe seguirá pelos séculos, em especial a imediata, e cujos principais expoentes foram o florentino Dante Alighieri e o toscano Francesco Petrarca — cujo nome origina o termo *petrarquismo*. Os *stilnuoviste*, por influência dos ideários platônico e neoplatônico, filosoficamente definiam, em sua poesia, a figura da mulher como a imagem divinizada do Bem e da Virtude. Assim sendo, na pena de poetas como Dante e Petrarca, a mulher ocupa um espaço de criaturas imaculadas e intocáveis, o que as condena a estarem confinadas única e permanentemente à esfera da *beleza espiritual*, da *generalidade*, das *ideias puras*, por fim, a esfera da idealização.

Embora haja evidentes diferenças entre estes três pensamentos de que muito brevemente tratamos (o platonismo, o neoplatonismo e o petrarquismo), interessamos, para os argumentos que neste artigo desenvolveremos, aquilo que neles se intercepta: a *idealização do mundo* como artifício para alcançar o que seria a sua verdadeira face ou — num recorte mais preciso e condizente com o aspecto da obra lírica camoniana aqui a ser abordado — a *idealização*, com a mesma finalidade, do *amor* e a sua conseqüente *espiritualização*.

2. CAMÕES E SEUS LEITORES – BREVE HISTÓRICO CRÍTICO-LITERÁRIO

Tirar conclusões a respeito da presença destas linhas filosóficas em Camões não tem sido tarefa que os críticos equacionem harmoniosamente. Se, por um lado, há, entre outros, Manuel de Faria e Sousa (século XVII), Teophilo Braga (1911), António Sérgio (1934), Hernani Cidade (1936), António José Saraiva (1959) e Jorge de Sena (1960), todos revelando através de pressupostos diversos um Camões que perpetua uma ou mais destas correntes idealistas, por outro lado há José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira (1932), Jaime Cortesão (1949), Aquilino Ribeiro (1950), Ricardo Averini (1979), Pedro Luzes (1981) e Eduardo Lourenço (1988)¹, a descobrirem um Camões que percorre um viés, quando não apenas alheio, francamente contrário a estas ideologias.

Potencializa as discussões o fato de a biografia de Luís Vaz de Camões ser, neste sentido, repleta de incertezas, provocando entre os seus leitores interessante (e é verdade que, às vezes, imponderável) dialética. Desta forma, a outorga do platonismo a Camões é condenável para alguns críticos em função do homem de armas que o Poeta fora, o que o deixaria conseqüentemente impossibilitado de realizar tão profundas leituras. Todavia, há quem defenda justamente a ociosidade característica das intermináveis noites do longo período de navegação a que Camões fora submetido como propícias a tais leituras ou alegue que o seu contato com tais correntes filosóficas tivesse se dado de modo indireto, através da sua relação pessoal com outros leitores. Mas estes pressupostos não são mais do que meras especulações, as quais Eduardo Lourenço classificou como “biografismo hipotético sem envergadura” (2002: 10) e, aos nossos olhos, acabam por nada acrescentarem ao debate.

Contesta-se ainda, por exemplo, que Camões tenha realmente cantado o amor inatingível em função do fato de esta abstinência tão absoluta, de esta completa e incondicional privação da carne não estar em consonância com o erotismo em profusão observável em sua épica, argumento logo rebatido pela hipótese de que sua obra lírica tivesse sido escrita ainda no seu período de vida conhecido como pós-adolescência, anterior portanto à produção de *Os Lusíadas*, o que, por assim dizer,

¹ Os anos entre parênteses são referentes às edições mais significativas dos respectivos trabalhos publicados.

desvincularia o épico do lírico pela diferença de maturidade da escritura. E se tal argumento recebe como tréplica, além do aspecto desabonador que absurdamente acabaria por conferir à lírica camoniana, o fato de nada se saber ao certo sobre a vida de Camões em relação a datas, exceto a que rubrica a sua morte², desenvolve-se ainda outra refutação, mais peremptória, desta feita dando conta de que, na épica, este erotismo é exclusividade dos deuses ou dos heróis por estes premiados³, e o homem comum e mortal, portanto, não lhe faria jus.

Mas, em meio ao que seriam certezas praticamente estabelecidas e irrefutáveis a respeito do idealismo camoniano do sentimento amoroso, há o lançamento de nova dúvida, que reimpulsiona a contenda: se legitimamente cantava o amor idealizado, por qual motivo então, no *Auto do Filodemo*, Camões ironiza com tanta, digamos, veleidade os *Petrarcas* e os *neoplatônicos* e os *Platões*?

Para além destas discussões, por assim dizer, mais comezinhas, temos, por fim, como importantes expoentes nesta discussão a camonista Cleonice Berardinelli, a afirmar que “é este o amor que, de preferência, se canta na lírica camoniana de medida nova, o amor quase sempre inatingível, fonte de sofrimento” (2000: 219), e o professor e escritor português Helder Macedo, que, no ensaio “Camões e a viagem iniciática”, irá contestar a teoria da castidade do Poeta Camões, argumentando que o autor Luís de Camões, à frente do seu tempo, teria, na verdade, procurado e desenvolvido uma nova filosofia na qual os valores até então inconciliáveis do homem (o *corpo* e a *alma*) pudessem, na sua poesia, finalmente se combinar.

Ora, Camões estava, sim, inserido numa Europa quinhentista, que ainda apresentava como grandes ícones poéticos os renascentistas italianos Dante e Petrarca, que, como dissemos, eram defensores do amor não-carnal e em cujos versos a figura feminina era via de regra vista como símbolo de pureza. Entretanto, se estes dois poetas aprovisionam o seu fazer poético de um caráter platônico indubitável (e não o fazem apenas na arte, mas também na vida, haja vista as biográficas paixões inalcançáveis que estes nutriam pelas mulheres que se tornariam as suas respectivas musas poéticas: Beatriz e Laura), a mesma certeza não se pode ter em relação ao Poeta português. Isto porque viver na Europa quinhentista não faz necessariamente de Luís de Camões um quinhentista genuíno, no sentido ideológico e não temporal da palavra, não insere obrigatoriamente Camões no pensamento do seu tempo, a coadunar, parcial ou totalmente, com a visão de mundo vigente. E serão estas duas possibilidades, estes inegociáveis *estar* e *não-estar* camonianos em sua época, que provocarão as dubiedades semânticas que podemos observar com frequência nas leituras críticas de sua poesia.

² “Só uma data é certa na vida de Luís de Camões — a data da sua morte.” (SIMÕES, 1981: 85.)

³ “...tem-se salientado, de preferência, o aspecto faceto, erótico ou utópico da Ilha dos Amores, esquecendo (...) que a ilha foi ‘preparada’ para abrigar só o amor correspondido (...). E Camões só cantará os que puderem ser acolhidos na Ilha dos Amores...” (MACEDO, 1981: 21-2.)

Almejamos então demonstrar como funcionam, na prática, estas duas interpretações possíveis da obra lírica camoniana. Para tanto, tomaremos como ilustração o soneto “Pede o desejo, dama, que vos veja”.

3. CAMÕES & ...

Pede o desejo, dama, que vos veja;
 Não entende o que pede, está enganado;
 É este amor tão fino e tão delgado,
 Que quem o tem não sabe o que deseja.

Não há cousa a qual natural seja
 Que não queira perpétuo o seu estado;
 Não quer, logo, o desejo o desejado,
 Por que não falte nunca onde sobeja.

Mas este puro afeito em mi se dana;
 Que, como a grave pedra tem por arte
 O centro desejar da natureza,

Assi o pensamento (pola parte
 Que vai tomar de mim, terrestre, humana)
 Foi, senhora, pedir esta baixeza.⁴

Elegemos o soneto “Pede o desejo, dama, que vos veja” para o trabalho que nos propusemos empreender em virtude da ambígua possibilidade de leitura que nele observamos. Primeiramente, objetivamos evidenciar os julgamentos que a crítica defensora da expressão do petrarquismo e do platonismo na lírica camoniana realiza a respeito deste poema. Mesclaremos aqui o nosso discurso com os de importantes camonistas, num diálogo sem contestações significativas, as quais guardaremos para o colóquio com os pensadores que surgirão mais à frente, a defenderem uma leitura diametralmente contrária à primeira.

O dístico inicial do soneto — *Pede o desejo, dama, que vos veja; / Não entende o que pede, está enganada* — expõe o assunto que se desenvolverá nos demais doze versos do poema: o Poeta é impelido, pelo *desejo*, a ter com a sua dama o que seria um encontro carnal (conforme parece sutilmente sugerir a forma verbal *veja*, como logo discutiremos). No entanto, racionalmente o Poeta repele esta sensação, afirmando *estar o desejo enganado e não saber de fato o que pede*. A partir deste

⁴ Conforme utilizado por Cleonice Berardinelli em *Estudos Camonianos* (2000: 224-5), tendo por fonte as *Rhythmas*, organizadas na oficina de Manoel de Lyra, em Lisboa, 1585, e as *Rimas*, organizadas por Pedro Craesbeck em 1598, também em Lisboa.

ponto, o poema se revela uma luta entre a *emoção* e a *razão* do Poeta, entre o seu desejo sexual e a ameaçada *pureza* do seu *amor*, entre afinal o *corpo* e a *alma*, numa clara tensão maneirista frequentemente observada em Camões. No terceto final, há finalmente a vitória da razão, quando o Poeta reconhece o que o seu *desejo* *deseja* como algo pejorativo, o que classifica como *baixeza*, colocando deste modo o próprio *desejo* numa posição secundária na história amorosa.

Esta postura racional demonstra ter seus pés fincados na filosofia de Platão, precursor do racionalismo, teoria que muitos séculos mais tarde Descartes radicalizaria, aliás, vale notar, no século seguinte ao vivido por Camões, o que apenas evidencia o contexto platônico em que o Poeta estava inserido, cujo auge na verdade ainda nem havia ocorrido. Neste mesmo século XVII da teoria cartesiana, talvez influenciado pela filosofia que então dominava o meio social, Faria e Sousa não titubeará em peremptoriamente classificar o soneto que aqui analisamos: “De todo lo dicho, se ve claramente que el amor del P. en estas rimas es Platónico.” (FARIA E SOUSA apud CUNHA, 1989: p. 45)

A análise deste mesmo soneto promovida por Agostinho de Campos chegará a conclusão semelhante, esclarecendo que

o que lá está, por obra e graça das doutrinas filosóficas que dominavam na alta poesia do tempo, é simplesmente esta ideia de profunda delicadeza: que o mero desejo de ver, e não mais do que ver, o objeto amado já é profanação e rebaixamento do próprio amor. Para que este continue a ter alguma parte de infinito é necessário não lhe dar realidade... (s. d.: 214)

Ora, *não lhe dar realidade* nada mais é do que manter o amor no estado de *idealização* que Platão sugeriu e Dante e Petrarca assumiram, é defender que o amor se mantenha no mundo das ideias, onde estariam os conceitos verdadeiros. Entretanto, nas considerações de Agostinho de Campos, a ingenuidade com que é encarada a forma verbal *veja* não é corroborada nem mesmo por outras leituras que defendam o caráter platônico deste soneto. Campos, com sua exposição, reduz este verbo a uma interpretação que, até mesmo para os que com ele compartilham ideias, é demasiadamente denotativa.

Cleonice Berardinelli, por exemplo, sem por isso desmentir a tese de um amor inatingível, promove outra saída:

O desejo pressiona o amante a que veja, mas este sabe que a fineza e pureza do amor o impedem de saber o que realmente quer. Sabe também que, para não faltar, o desejo não pode obter o desejado. Sabe ainda que este puro afeto se contamina do que o amante tem de humano e terrestre, levando-o a “pedir esta baixeza” que é ainda vê-la, comum ver que perdeu a pureza inicial. (2000: 225)

Na interpretação do verbo *ver* empreendida por Berardinelli em sua explicação do soneto, a perda da ingenuidade que a leitura mesma do poema provocará não compromete a teoria do idealismo camoniano (ainda que a camonista não se embrenhe tanto na matéria nem chegue a nomear tais movimentos literários ou filosóficos, preferindo tratar da inatingibilidade do amor e seu conseqüente sofrimento, o que, outrossim, é tão platônico quanto o neoplatonismo de Petrarca) porque querer *ver* a este ponto é uma atitude de tamanha *baixeza* que, por defesa à pureza deste amor, moralmente aumenta a imperativa necessidade de divinização da mulher.

Todavia, esta divinização da figura feminina não seria explicada apenas pela necessidade moral. A hipótese da inacessibilidade da mulher cantada nos versos de Camões, conjectura que tanto se apregoa, também justificaria este processo de idealização da musa, neste caso, por absoluta falta de opção do Poeta. Segundo João Mendes, “a paixão sensível da amada inacessível leva ao espiritualismo do amor” (1979: 125), ou seja, apesar de tudo o que o Poeta transporta em si de *terrestre e humano*, a falta de perspectiva para a consumação de suas necessidades físicas o obriga a sublimar este amor.

Encontramos a radicalização desta linha de leitura na obra crítica de António Sérgio, onde Camões é apresentado como Poeta legitimamente platônico. Para António Sérgio, como na poética camoniana o Amor é anterior ao objeto amado e independente dele, o único amor de fato é o amor do Amor. A aspiração amante de Camões, portanto, buscaria no objeto amado uma forma sensível que a representasse, logo, criando um evidente processo de idealização. Concretizar este amor seria aniquilá-lo, fazer *faltar onde sobeja*, seria, portanto, revelar este amor e por conseguinte provocar a destruição do mesmo amor.

Independente da motivação encontrada para tal, parece até aqui inegável o caráter idealista, em menor ou maior grau, da poesia lírica de Camões em relação ao amor e à figura feminina. Seus versos buscam a divinização da mulher, seja em função da crença genuinamente platônica de que apenas este amor idealizado é verdadeiro, seja motivados pela inatingibilidade daquelas que poderiam ser, a certa altura, a sua Laura ou sua Beatriz (e há sérias controvérsias sobre a existência de uma musa biográfica para Camões e, em caso positivo, de quem seria esta musa), seja até, em última instância, por um pudor de cunho religioso.

Entretanto, como deixamos claro no início de nossa explanação, a muito difundida noção de que Luís de Camões produzia uma poesia platônica ou neoplatônica ou petrarquista não é uma unanimidade entre os críticos de sua obra. E, de Faria e Sousa até hoje, esta posição não seria defendida com tanta ênfase e constância se não existissem, paralelamente a estas concepções de sua poética, pesquisas que a contradissem.

4. ... & CAMÕES

Se a leitura exposta anteriormente, embora coerente e contundente, não se configura como a única possível, é porque outros estudos sobre o fazer poético de Luís de Camões acabam por tentar colocá-la em xeque. Eduardo Lourenço, por exemplo, sugerirá a precariedade da leitura de linha platônica ou petrarquista da obra do Poeta, afirmando que “uma leitura ingênua basta para tornar problemática, e esperamo-lo insustentável, a referência-clichê ao platonismo camoniano.” (1988: 17)

Para a exposição da leitura alternativa que nesta etapa de nossa exposição pretendemos desenvolver, tomemos como pressuposto teórico os estudos promovidos por Helder Macedo a respeito da poesia camoniana. Com esta base, podemos dizer que o soneto “Pede o desejo, dama, que vos veja” perderia boa parte do seu caráter platônico, porque, onde antes se lia *culpa*, ler-se-ia então uma ironia que vê como absurdo o amor puramente idealizado, o amor sem o complemento do ato carnal, o amor das poéticas de Dante e de Petrarca. Esta posição de Macedo pode ser observada nas palavras abaixo:

A transformação do apetite em razão é, efetivamente, a hipótese filosófica em que Camões baseou a sua procura pessoal para a nova síntese que permitisse a reconciliação dos elementos aparentemente contraditórios do homem. (...) Dante e Petrarca foram os Poetas supremos do seu tempo. Mas Camões estava na vanguarda do seu, antecipando o nosso. (1980: 20)

A racionalização camoniana, então, não define uma poesia platônica; ao contrário, a razão aqui deprecia este posicionamento filosófico em relação à pretensa oposição entre o mundo sensível e o mundo das ideias, despolarizando o par *carne/espírito*. A razão do Poeta Camões concluirá em favor da experiência, a mesma experiência condenada, de Platão a Descartes, pelos racionalistas, por estes lhe atribuírem caráter ilusório, indigno de confiança. Tal característica da visão platônica, em certa medida, até poderia justificar o distanciamento do pensador (filósofo ou poeta) do amor carnal, mas não se sustenta no pensamento camoniano. Ora, a leitura da obra de Camões comprova que a experiência se faz fundamental para a formação tanto da sua poesia lírica quanto da sua poesia épica. Quando o tema é a experiência do próprio leitor, ainda mais se evidencia como esta propriedade é fundamental para a compreensão correta da realidade, afinal, afirma o Poeta no dístico último daquele que parte da crítica considera o seu poema inaugural, senão no aspecto temporal, ao menos sob um critério ideológico: *E sabeí que, segundo o amor tiverdes, / tereis o entendimento de meus versos*.

Voltemos à análise do soneto que elegemos para expor nossa teoria: “Pede o desejo, dama, que vos veja”. Na primeira estrofe, o Poeta Camões fala sobre o seu desejo de *ver* a dama, mas, seguindo supostamente os códigos de honra da época,

acusa o seu *desejo* de *estar enganado*. E aquilo que faz esse desejo se enganar é a delicadeza deste amor (*É este amor tão fino e delgado, / Que quem o tem não sabe o que deseja*). Convenhamos que uma leitura mais atenta deste argumento faria perceber que este *não saber o que deseja* não proviria do fato de se *desejar um encontro carnal*, mas o de pensar não estar certo ter tal encontro quando se trata de *um amor tão fino e tão delgado*. Esta afirmação, presente nos versos 3 e 4, seria, na verdade, uma reprodução (repleta de ironia) do discurso dos poetas efetivamente platônicos, o que se comprovaria no termo *quem*, que generaliza o sujeito; ou seja, o Poeta não falaria neste caso de si, mas de um sujeito, se não sintaticamente, ao menos semanticamente indeterminado. Em suma: qualquer um que tenha *um amor fino e delgado* pode supor não poder macular este amor com um ato carnal; e aí é que se consuma o *engano* a que o Poeta se refere.

No segundo quarteto, discute-se a virgindade da dama. Segundo os poetas da época, que, como já exaustivamente dissemos, tinham Dante e Petrarca como modelo, tal virgindade é tão natural que assim dever-se-ia manter perpetuamente. No entanto, Camões — por assim dizer, mais realista — mostra o verdadeiro motivo desta posição nos versos *Não quer logo o desejo o desejado, / Por que não falte nunca onde sobeja*. Ora, uma vez consumado o ato, o homem tende a buscar novas descobertas, já que os mistérios daquela mulher já foram desvendados; assim, onde antes sobrava *desejo*, passaria a faltar. Deste modo, o Poeta demonstra que, na verdade, os neoplatônicos mantêm de sua dama certa distância menos porque a divinizam e mais porque elas não passam de idealizações que podem decepcionar e cair no esquecimento caso desvendadas; Camões, assim, desaloja as musas petrarquistas de seus pedestais divinos fragilizando a genuinidade e a perenidade das suas próprias condições de musas.

Na terceira estrofe, mais ousado, o Poeta metaforiza os órgãos sexuais nos termos *a grave pedra* (masculino) e *o centro da natureza* (feminino), afirmando o quanto o primeiro deseja o segundo. Neste caso, o termo *natureza*, trazido por referência mesmo a uma teoria das ciências *naturais*⁵, modifica o valor negativo que aparentemente ganharia o ato sexual; destarte, o *desejo* e a consumação do ato (e não a virgindade) passariam a ser sugestivamente encarados como algo *natural*. O reconhecimento destes termos do campo semântico erótico, além de comprovar que o verbo *ver* do primeiro verso é merecedor de leitura mais maliciosa (apesar dos protestos já citados de Agostinho de Campos⁶), ainda absolveria a palavra *baixeza*, do último verso, de seu tom outrora visto como pejorativo; tratar-se-ia aqui apenas de uma localização do *centro da natureza*, numa parte mais *baixa* do corpo da mulher.

⁵ Vale quanto a isso citar que, a despeito do que possa parecer, não se trata aqui da teoria gravitacional, porque esta somente foi apresentada à Academia Real de Ciências inglesa por Sir Isaac Newton cerca de um século depois da morte de Camões.

⁶ “...não mais do que *ver...*”, reitera Campos em excerto citado neste artigo.

Aliás, encarar as palavras *baixeza* e *ver* sob uma ótica que a plurissignifique tem como justificativa o fato de este mecanismo poético ser recorrente na obra de Camões: *pena*, *gesto* e *dura*⁷ são apenas alguns exemplos da plurissignificação vocabular camoniana. Entretanto, é bom deixar claro que esta leitura não sugere a simples supressão dos significados originais e mais imediatos destas palavras observados na interpretação primeira. Pelo contrário, trata-se de um artifício de maior complexidade e sofisticação (e falamos aqui especialmente do caráter pejorativo de *baixeza*) porque se perde a ênfase em um discurso que condenasse a relação carnal justamente através deste significado primeiro, cujo esvaziamento provocará, sempre pelo viés de um discurso irônico, a crítica ao pensamento petrarquista. O Poeta Camões age, desta maneira, como um Miguel de Cervantes, que escreveria a sua novela de cavalaria para criticar o próprio modelo literário de que fizera uso.

Para melhor explicar este comentário, cedamos a palavra a Eduardo Lourenço, que afirma em sua análise do soneto “Transforma-se o amator na cousa amada” (considerado exemplo maior dos que defendem o platonismo e o petrarquismo em Camões) que

o petrarquismo como o platonismo é, neste soneto, aquilo mesmo com que o Poeta joga. E só se joga estando de fora das pedras que se movem. (1988: 18)

Assim sendo, se Luís de Camões traz para a sua preleção lírica o discurso das filosofias de origem platônica e de cunho petrarquista a fim de condená-las, não poderia, portanto, esta mesma ideologia condenar o Poeta por desejar se encontrar com sua dama (ou *vê-la*, com toda a interpretação metafórica que este verbo afinal de contas comporta). Antes pelo contrário, o uso estratégico e irônico feito do corrente discurso petrarquista legitimaria a relação carnal entre o Poeta e a dama. Camões, portanto, não é, sob esta ótica, um poeta alheio ao platonismo que permeia a lírica do seu tempo; ao contrário, ele justamente a emprega para, num discurso burlesco, desestruturá-la.

CONCLUSÃO - CAMÕES & CAMÕES

A dupla face que podemos vislumbrar na poesia de Camões provoca tamanhas incertezas sobre o seu fazer poético que levou António José Saraiva a reconhecer, diante da evidência de opostos pensamentos críticos, um hipotético processo de heteronímia. Este posicionamento que evidencia a perplexidade do crítico diante

⁷ No soneto *Quando o sol encoberto vai mostrando*, o escritor e crítico David Mourão-Ferreira atenta para a possibilidade dupla de interpretação do sintagma “sempre dura”, encarando a última palavra como duração ou dureza. (1981: 66).

do mistério da poesia resolve-se (temos a pretensão de colocar nestes termos) quando se abre mão, como defendia o filósofo Friedrich Nietzsche, do preconceito de que os contrários não possam coexistir.

Eduardo Lourenço é, por sua vez, feliz em sua tentativa de lidar com tais mistérios poéticos. Ao tratar do platonismo ou do neoplatonismo ou do petrarquismo presentes na lírica camoniana, o estudioso afiança que

não há modelo de coerência ideal, exterior à obra, que nos possa permitir decretar que ela não deva apresentar “contradições”. (...) A “coerência” de um grande universo poético não é a de um modelo formal, nem de um sistema metafísico, mas a de uma experiência simultaneamente vital e espiritual da qual as chamadas “contradições” constituem os pólos de tensão. (1988: 20)

Portanto, o que a princípio seriam contradições, que poderiam incomodar certa parcela dos leitores e da crítica que as identificasse, na verdade fazem parte da estrutura mesma da poesia, de Camões ou de qualquer outro grande poeta moderno. Lourenço completa seu raciocínio dando conta de que Camões, “com singular relevo, nos aparece como o primeiro português dilacerado, dividido entre a sua alma e o seu corpo, entre o seu presente e a sua memória, entre a sua vida e o seu Destino” (1988: 20), consubstanciando no Poeta do século XVI ecos anacrônicos de outra Pessoa.

Defendemos, desta forma atrevendo-nos a desenvolver ainda mais um pouco a alegação de Eduardo Lourenço, a presença destas “contradições” não apenas em uma apreciação da obra em sua inteireza — comparando um poema petrarquista, por exemplo, a um outro que desse ênfase ao amor sensual — mas na dos próprios poemas isoladamente, com toda a perspectiva ambígua que a sua linguagem permitiria, admitindo leituras que, embora “contraditórias”, não forçosamente se eliminam, porque ambas constituem-se como possíveis, coerentes, sólidas nas negociações com os significados e significantes do texto camoniano, conforme observamos nas análises do soneto aqui examinado.

Isto, por assim dizer, derrubaria a metáfora de António José Saraiva a que nos referimos, a respeito de uma suposta heteronímia camoniana, a não ser que pensássemos em heterônimos que coabitem um mesmo poema, configurando um discurso plurivocal. Trata-se, pois, de uma questão sofisticada, o que provavelmente deveria ter-nos levado a redigir as duas principais esferas deste artigo com verbos no futuro do pretérito, a fim de enfatizar o caráter hipotético das análises aqui levantadas — mas quiçá seja sempre hipotética toda interpretação literária e não reconhecer tal condição seja, por sua vez, o grande perigo a que a crítica se submete, condenando-a à falência, ao fracasso.

A partir destes conceitos, torna-se de fato possível defender que um mesmo poema da obra de Camões, portanto, tenha potencialmente, sem acarretar condenação de pesquisas, características ora platônicas, ora não-platônicas, ora

antiplatônicas; ora petrarquistas, ora não-petrarquista, ora antipetrarquistas — dependendo dos pressupostos teóricos que sustentem a leitura proposta. E é esta coadunação dos aspectos contrários aquilo que não permite, sob hipótese alguma, porque aí assim merecedor de penalidade, que os poemas analisados deixem de ser legitimamente camonianos.

Deste modo, não consideraremos como exemplo metonímico da lírica camoniana as redondilhas “Babel e Sião” eleitas por António Sérgio, ou “Transforma-se o amador na cousa amada” que tanto fascina os críticos da linha petrarquista, ou mesmo o soneto inaugural “Enquanto quis Fortuna que tivesse”. Nossa opção por uma peça que funcionaria como rosto, como fundamento ideológico da obra lírica de Luís de Camões será sempre outra: *se o amor é fogo que arde sem se ver, contentamento descontente, dor que desatina sem doer, se é, enfim, tão contrário a si*, pode, sem dúvida, colocar-se no cômputo de duas filosofias a princípio opostas; e será por conseguinte este, para nós, o soneto que se apresenta como epígrafe da filosofia lírico-poética camoniana.

Mas valeria, por fim, também citar o seu soneto inaugural, mais precisamente o dístico a que já nos referimos em oportunidade anterior: “E sabeis que, segundo o amor tiverdes, / tereis o entendimento de meus versos”. Não é, pois, o próprio Poeta Camões quem apregoa e autoriza — e assim legitima nossa argumentação — esta relatividade inegável a respeito da leitura de sua obra por cada leitor?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERARDINELLI, Cleonice. *Estudos camonianos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

BRAGA, Theophilo. *Camões – a obra lírica e épica*. Porto: Chardron, 1911.

CAMPOS, Agostinho de. *Camões lírico*. Paris-Lisboa: Aillaud e Bertrand, s. d., v.4.

CIDADE, Hernani. *Luís de Camões*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1936, v.1.

CUNHA, Maria Helena Ribeiro da. *A dialética do desejo em Camões*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989.

HAUSER, Arnold. *História social da literatura e da arte*. Tradução: Walter H. Greenen. São Paulo: Mestre Jou, 1972, 2v.

LOURENÇO, Eduardo. “Camões-Actéon (para um exame da mitologia cultural portuguesa)”. In: *Poesia e metafísica: Camões, Antero, Pessoa*. Lisboa: Sá da Costa, 1988, p. 11-30.

-----. *Poesia e metafísica*. Lisboa: Gradiva, 2002.

LUZES, Pedro. “O Eros camoniano”. In: *Estudos sobre Camões*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981, p. 69-82.

MACEDO, Helder. *Camões e a viagem iniciática*. Lisboa: Moraes editores, 1980.

-----; GIL, Fernando. *Clássicos na Gulbenkian — Camões*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

MACEDO, Jorge Borges. “Diagnóstico da mentalidade camoniana — a filosofia da história”. In: *Estudos sobre Camões*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981, p. 15-22.

MENDES, João. *Camões e o pensamento filosófico do seu tempo*. Lisboa: Prelo, 1979.

MOURÃO-FEREIRA, David. “Camões: biografia e lirismo”. In: *Estudos sobre Camões*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981, p. 59-67.

PLATÃO. *O banquete*. Tradução: José Cavalcante de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SARAIVA, António José. *Luís de Camões*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1959.

SÉRGIO, António. “Questão prévia dum ignorante aos prefaciadores da lírica de Camões”. In: *Ensaíos*, vol. IV, 2 ed., Lisboa: Sá da Costa, 1981, p. 11-68.

SIMÕES, João Gaspar. “A biografia feita por Storck”. In: *Estudos sobre Camões*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981, p. 83-90.

CAMOENS & CAMOENS OR THE DESIRE ASKS, CAMOENS, THAT I READ IT

ABSTRACT: The theories that demonstrate the platonism or the petrarchism in the poetics of Luís Vaz de Camoens are considered traditional readings of his lyric work, but suffer assiduous contestation of great part of the last century criticism. The purpose of this article is less to interfere with that discussion of experts than to demonstrate how, in practice, those visions work, what we illustrate through two different readings to the sonnet “Pede o desejo, dama, que vos veja”.

KEY WORDS: 1. Platonism, 2. Neoplatonism, 3. Petrarchism, 4. Lyric Camoens, 5. Camoenian criticism.

Recebido em 21 de agosto de 2009; aprovado em 27 de setembro de 2009.